

Representação feminina em *Isidora*, de Joaquim Manuel de Macedo

Female representation in *Isidora*, by Joaquim Manuel de Macedo

Maria Marcia da Silva¹

Natanael Duarte de Azevedo²

Resumo: O presente artigo apresenta uma reflexão sobre a representação feminina no trecho *Isidora*, da obra *Mulheres de Mantilha*, de Joaquim Manuel de Macedo, presente na *Antologia Dissidências de Gênero e Sexualidade na Literatura Brasileira (1842-1930)*, organizada pelos autores César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia (2021). O estudo propõe uma análise da caracterização das personagens femininas, abordando tanto a construção da feminilidade quanto a presença da homoafetividade feminina no fragmento.

Palavra-chave: Representação feminina; homoafetividade feminina; gênero.

Abstract: This article presents a reflection on the female representation in the excerpt *Isidora*, from the work *Mulheres de Mantilha*, by Joaquim Manuel de Macedo, present in the *Anthology Dissidências de Gênero e Sexualidade na Literatura Brasileira (1842-1930)*, organized by the authors César Braga-Pinto and Helder Thiago Maia

¹ Mestranda em Estudos Interdisciplinares da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7184758552980133>

² Professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, lotado na Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia (UFRPE/UAEADTec). É bolsista de Produtividade em Pesquisa (nível 2) do CNPq. Graduado, Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. É docente permanente dos Programas de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) e em História (PGH) da UFRPE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1598344003069716>

(2021). The study proposes an analysis of the characterization of the female characters, addressing both the construction of femininity and the presence of female homoaffectivity in the fragment.

Keywords: Female representation; female homosexuality; gender.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca trazer reflexões sobre a representação feminina em *Isidora*, de Joaquim Manuel de Macedo. O trecho aqui analisado diz respeito a uma parte do romance *As mulheres de Mantilha*, retirado da antologia *Dissidências de Gênero e Sexualidade na Literatura Brasileira (1842-1930)*, organizado pelos autores César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia (2021). A intenção da antologia mencionada corresponde a um recurso para o estudo da história literária das dissidências de gênero e sexualidade no Brasil, bem como, a expansão e desafio do cânone literário, recriando o ambiente no qual ele foi estabelecido (PINTO; MAIA, 2021).

Segundo Maia (2015) o principal agente de canonização da literatura gay contemporânea está no mercado, principalmente por meio de coleções, compilações e antologias. Dessa forma, a antologia, corpus deste artigo, é uma ferramenta fundamental para o questionamento e ampliação do cânone.

O fragmento retrata a vida de mulheres no contexto doméstico e de cuidado, tem como pano de fundo uma família de classe média tradicional, mas, o que torna interessante a narrativa é o amor que nasce entre duas mulheres. Em uma sociedade marcada pela invisibilização da homoafetividade feminina e o modelo heteronormativo como prevalecente, encarar personagens que correspondem a essa construção de sujeitos é passível de análise.

Dessa forma, o artigo corresponde a uma breve análise da representação feminina, para isto, há um tópico sobre as mulheres da narrativa, expondo um breve resumo da obra e contextualização das personagens, o segundo tópico diz respeito a como as personagens femininas são representadas e, por fim, no terceiro tópico, como a homossexualidade feminina se insere no fragmento.

1. AS MULHERES DA NARRATIVA

O texto inicia dispondo ao leitor a atmosfera vivenciada pelas personagens femininas, a senhora Inês, mãe de duas filhas: Irene e Inês, mãe dedicada e que não desprende os olhos das filhas, após os deveres de casa, acompanha-as nas suas lições de canto sem descuidar um só minuto. Tais lições eram ensinadas por Isidora, moça acolhida pela família e que prestava esse serviço a seus benfeitores. Embora fosse bem tratada: “Isidora era sempre uma estranha; nem uma só vez se achava a sós com as duas discípulas, e unicamente em horas determinadas era admitida no interior da casa a conversar com a senhora Inês” (MACEDO, 2021, p. 68). Ainda que fosse mulher não tinha liberdade de estar a sós com uma delas, esse trecho mostra a falta de liberdade das mulheres, inclusive entre elas próprias.

No parágrafo seguinte, o narrador mostra em qual contexto se inseria aquelas personagens:

os portugueses e seus descendentes conservavam no sangue os gérmenes de turvo ciúme mourisco que roubam a mulher à admiração e aos cultos dos homens e a condena à escravidão do zelo brutal. Irene e Inês tinham vivido sempre sob vigilância como suspeitosa, e cada uma só na outra encontrava a con-

fidente única de seus inexplicáveis enleios (MACEDO, 2021, p. 68).

O excerto conta com a crítica em relação à servidão destinada as mulheres de estarem sempre atentas ao serviço doméstico, como é o caso da senhora Inês, mas, ao mesmo tempo, recorre às filhas, mulheres mais novas vigiadas para a manutenção de uma moral conservadora, “Jerónimo Lírio e sua esposa defendiam a inocência de suas filhas contra todas as lisonjas e contra todas as luzes do mundo” (MACEDO, 2021, p. 68). Através disto, as irmãs se viam sem alternativas, a não ser, confiar uma na outra.

Por meio da relação de confiança entre as duas irmãs, descobrimos seus anseios em ser mulher e, principalmente, a função delas, que, naquela sociedade, levava ao casamento:

Sabiam ambas que havia um laço que unia uma mulher a um homem, o casamento; mas do casamento só compreendiam, além do facto misterioso da união, a beleza ou o encanto do vestido branco e do véu, e da coroa da noiva, e o subsequente governo da casa do noivo (MACEDO, 2021, p. 69).

Por mais que tivessem sido convencionadas a pensar no casamento, não entendiam o porquê e nem qual seria seu dever naquela conjectura: “há no casamento um segredo que nos encobrem... porque o escondem? já o adivinhaste, Sinhazinha? para que desejas casar-te?” (MACEDO, 2021, p. 75), interessante perceber nesse trecho, mais uma vez, uma crítica a essa função da mulher, o narrador questiona o porquê do desejo de casar que engloba as mulheres daquela sociedade. Pois, o casamento, ali, viria como imposição, inclusive com casamentos arranjados, as mulheres não atuavam em esferas produtivas,

apenas domésticas, então seu futuro somente era considerado através do enlace matrimonial.

Seguindo o diálogo entre as irmãs, Inês responde que o papel no casamento diz respeito a “ter filhos, Nhanhã, como os têm quase todas as moças que se casam, e também para ter casa minha, e em meu marido um homem que trabalhe para mim” (MACEDO, 2021, p. 75). Nesse trecho ficam visíveis os papéis de gênero completamente delineados da relação heterossexual, a mulher como cuidadora da casa e dos filhos e o homem como provedor da renda familiar. Não há questionamentos desses papéis, pois são convencionais.

Posteriormente, há um rompimento da lógica heteronormativa, com a afirmação de Inês de uma paixão prematura por Isidora: “– Quisera casar-me com um moço que tivesse o rosto, a voz, a bondade e a graça de Isidora...” (Macedo, 2021, p.73). Embora, nesse momento, ela faça a comparação de seu objeto de afeto com um rapaz, não podemos deixar de inferir que seja por anseio de ver como a irmã reagiria com a afirmativa. Irene, sua irmã, por sua vez:

– De que te serve gostar de uma moça como nós?...

– Eu sei! O que dizes é muito acertado; mas Isidora me encanta... não é por minha vontade, não entendo o que sinto; mas já duas vezes tenho visto em sonhos um moço com o rosto de Isidora (MACEDO, 2021, p.75).

A personagem se mostra em um impasse, não entende aquele sentimento por uma mulher, até porque não tem referências de uma relação homoafetiva. Depois, Irene e Inês descobrem que Isidora corresponde aquele sentimento, em diálogo, as irmãs comentam:

- Eu porém não entendo isto... que amor é este entre pessoas que não se podem casar...
- É verdade, Nhanhã; não me governo porém mais... amo Isidora... e nem compreendo a natureza do sentimento que a ela me cativa...
- Sinhazinha, quem sabe se há nisto obra e tentação do inimigo? (MACEDO, 2021, p.77).

A conversa entre as irmãs mostra as dúvidas do que seria aquela relação transgressora, como poderiam duas mulheres se casar? Nesse questionamento surge a imagem do inimigo pregado pela igreja, com aquele sentimento sendo uma tentação, um pecado. No fim do texto, as irmãs vão rezar contra aqueles “pecados” que as tomam.

2. REPRESENTAÇÃO FEMININA

Por meio do resumo, no tópico anterior, é possível conhecer as personagens femininas do excerto trazido na antologia dos autores César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia (2021), a primeira personagem que é importante se deter é a figura da mãe, que é condenada a uma vida reclusa de trabalho doméstico e de cuidado, sendo refém na própria vigília das filhas. “O narrador macediano tece críticas à falta de liberdade feminina, [...] além de criticar a situação submissa da mulher, vítima das leis” (PAVANELO, 2010, p. 4).

Nos romances do século XIX, o modelo das personagens femininas frequentemente retratava mulheres submissas, irracionais e/ou com pouca profundidade intelectual, em busca do amor idealizado, um padrão que continua em muitas personagens de diversos gêneros literários, tanto dentro quanto fora do cânone (SANTOS; INÁCIO,

2017). Inês, a mãe no romance, se relaciona completamente com essa representação.

Assim, é possível perceber a escassez na participação feminina nos romances em outros papéis que não sejam estando ao redor dos personagens masculinos, principalmente naqueles escritos por homens, isso faz com que haja uma intensa restrição doméstica e inferiorização das personagens. Santos e Inácio (2017) evidenciam que a participação das mulheres enquanto sujeitos históricos e também na representação enquanto personagens foi objeto de apagamento e inferioridade. Portanto, a subjetividade conferida a elas foi reprimida auxiliando em moldes de silenciamento.

À medida que a ideologia da feminilidade, um subproduto da industrialização, ganhava popularidade e se difundia por meio das novas revistas femininas e romances, as mulheres brancas passaram a ser percebidas como habitantes de uma esfera completamente separada do mundo do trabalho produtivo. A divisão entre economia doméstica e economia pública, impulsionada pelo capitalismo industrial, solidificou a inferioridade das mulheres de maneira mais pronunciada do que nunca. Na propaganda predominante, o termo “mulher” passou a ser sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam uma marca incontestável da inferioridade (DAVIS, 2016).

Além da mãe, temos as duas filhas, Inês e Irene, que vivem presas em casa sob a vigilância da mãe, sem liberdade sequer para ter as lições a sós, a motivação para o enclausuramento das irmãs corresponde à intensa busca pela manutenção da moral e das regras, os bons costumes, as irmãs eram educadas para o casamento. As lições de música eram na intenção de ser um atrativo na busca por bons pretendentes. Portanto, a educação formal ou cultural das mulheres

não era considerada para enriquecimento próprio, mas para o outro, este sendo um homem. Isidora, personagem central, se envolve afetivamente com Inês (filha), mas os questionamentos religiosos surgem a partir da voz das irmãs, incidindo sobre o romance homoafetivo como um erro, um pecado.

Naquela sociedade a igreja exerce um papel forte e inquestionável, portanto, é possível destacar sobre as mulheres do romance, que o poder exercido sobre elas pelos homens e pela igreja as oprime, visto que elas vivem na perspectiva de estar em servidão aos homens, através do matrimônio, da igreja, exercendo o papel de freiras, ou, tendo a religião alicerçada em suas atitudes fazendo com que elas sejam reprimidas em seus desejos.

3. A HOMOSSEXUALIDADE NO ROMANCE

A temática do relacionamento homoafetivo entre mulheres é destacada pela historiografia desde o período colonial, por meio da análise documental produzida pela instituição eclesiástica no contexto da inquisição no Brasil. Os processos inquisitoriais contra mulheres que mantinham relacionamentos com outras mulheres eram denominados como crime de sodomia (OLIVEIRA, 2015).

Segundo Oliveira (2015, p. 6) havia diferenças entre as práticas homoeróticas vivenciadas entre moças mais jovens e mulheres adultas:

entre as moças de pouca idade eram muitas vezes concebidas como meras brincadeiras pueris, ou como forma de manter a honra da virgindade e de evitar riscos de castidade ou mesmo como atitudes para driblar a tirania dos pais. No caso das mu-

Iheres adultas, casadas e advindas de famílias brancas e níveis econômicos mais abastados, a explicação dada para justificar suas relações homoeróticas era a de compensar a decepção de casamentos nos quais os maridos agiam de forma violenta, indiferente ou mesmo abandonavam as esposas.

Assim, é possível perceber que a documentação histórica resiste à ideia de que as relações entre mulheres se dava pelo desejo de se relacionarem, mas insiste na concepção de fatores externos, invisibilizando à vontade e a subjetividade dessas mulheres. Se na historiografia o silenciamento é expressivo, na literatura não é diferente.

Em seu artigo, Defilippo (2016) discute sobre personagens homossexuais femininas na literatura brasileira e indaga se haveria espaço para elas, o que responde imediatamente com um duro “não”. A autora fez um levantamento das produções dos últimos 25 anos nas publicações das editoras Companhia das Letras e Record, apontando que há ainda poucas personagens femininas que sejam homossexuais nas obras, mesmo em obras escritas por homens. Há, nessa seara, um interesse maior sobre a homossexualidade masculina.

Se o apagamento da subjetividade das mulheres se deu em um contexto em que a representação era da burguesia, portanto de pessoas/mulheres brancas, que dirá das mulheres lésbicas. Logo, “o silêncio do lesbianismo faz parte de um silêncio maior que recobre o universo feminino como um todo” (PORTINARI, 1989, p.49 *apud* SANTOS; INÁCIO, 2017), dessa forma, o erotismo feminino, no que concerne a sua representação, escrita e vivência foi calada pela moral da sociedade patriarcal, reforçando estereótipos que levaram a questionamentos sobre sua existência.

Defilippo (2016) sugere que autores do sexo masculino abordam a representação de uma personagem feminina homossexual de forma

excessiva em uma esfera da sexualidade, sem que haja uma exploração da complexidade ou de suas características multidimensionais, a predominância recai no foco das descrições detalhadas de cenas de relações sexuais. Dessa maneira, resulta em uma caracterização superficial, reduzindo a identidade da personagem e do grupo que ela representa, puramente em aspectos eróticos em detrimento de aspectos de sua vida e personalidade. Essa abordagem contribuiu para uma visão limitada e objetificada da personagem homossexual feminina na literatura.

Outro ponto importante é a heterossexualidade compulsória, Rich (2012) explica que a manifestação do poder masculino tem reforçado o lugar das mulheres dentro da heterossexualidade, esse reforço é uma forma de assegurar o direito masculino sobre as mulheres, seja em aspecto físico, emocional e/ou econômico. Com isso, a homoafetividade feminina emerge em uma sociedade heterossexista e falocêntrica, com um modelo de feminilidade restrita ao exercício da sexualidade heterossexual e voltada a reprodução, retirando qualquer autonomia da mulher (BRANDÃO, 2010).

Entretanto, a homossexualidade, no romance macediano, desconstrói a visão superficialmente voltada a relações sexuais estereotipadas, visto que ele trata de forma séria e não caricatural e cômico, como observado em outras obras. O amor entre Inês e Isidora é descrito com a mesma sensibilidade e beleza que romances românticos heterossexuais. Assim, ele quebra

certos paradigmas oitocentistas, representando nesses romances mulheres fora dos padrões de comportamento impostos pela sociedade, mostrando que, mesmo dentro das limitações apresentadas pelos códigos morais do século XIX, há alternati-

vas ao universo feminino que vão além do casamento heterossexual (PAVANELO, 2010, p. 7).

Contudo, Defilippo (2016) traz outra concepção de um aspecto importante, embora Macedo (2021) mostre personagens sensíveis, não escapa de trazer uma faceta caricatural ao descrever Isidora como guerreira de traços masculinos (embora, posteriormente, no romance completo descubramos que Isidora, na verdade é Isidoro). Em diálogo, Brandão (2010) explicita que a concepção binária do gênero tem reforçado uma leitura da lésbica como mulher máscula, assim, Macedo não foge dessa concepção.

O tom moralizante, também, não se desvia da narrativa, os valores tradicionais estão imbricados nas personagens, mesmo Inês em sua paixão por Isidora. Ainda que o autor não aborde a homossexualidade como “proibida”, tendo em vista a época de sua escrita e publicação, há os questionamentos de cunho religioso feito pelas irmãs, envolvendo a relação homoafetiva como pecaminosa e errada.

Para Santos (2005) o romance introduz personagens lésbicas e isso, no final do século XVIII, é transgressor. Stoller (2014) em sua abordagem em relação à teoria psicanalítica de Freud sobre a formação da identidade sexual adota uma interpretação não organicista das ideias de Freud, o que significa que ele não atribui a formação da identidade sexual apenas a fatores biológicos, mas enfatiza o papel da experiência na construção dessa identidade.

O argumento principal, nesse aspecto, é de que não existe uma sexualidade natural determinada por imperativos biológicos, mas que todas as formas de expressão da sexualidade são construídas com base nas experiências vividas nas relações interpessoais ao longo da história de cada indivíduo. Portanto, a orientação sexual, seja ela

heterossexual, homossexual ou qualquer outra, é contingente, ou seja, depende das circunstâncias e das experiências vivenciadas ao longo da vida.

Inês se apaixona por Isidora através da convivência entre as duas e a forma com que era tratada pelo seu objeto de afeto. O amor recíproco narrado por Macedo se mostrou sensível e a frente do seu tempo, apesar do romance em sua totalidade, o que não é objeto deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Mulheres de Mantilha* (1870), a obra vai além da exploração do homoerotismo feminino, evidenciando uma busca por novas expressões de masculinidade, ao mesmo tempo em que investiga como Macedo transforma as concepções de honra masculina e virtude feminina (Curopos; Maia, 2023).

Consideramos a importância de não apenas incluir personagens femininas nos romances, mas que elas não exerçam papéis estereotipados e/ou subalternos e submissos aos homens, bem como personagens lésbicas retratadas de maneira autêntica e complexa, em vez de recorrer a representações simplistas e estigmatizadas.

Isso envolve desafiar os estereótipos que foram perpetuados ao longo da história, muitas vezes influenciados por ideias antiquadas. Ao questionar e, principalmente, reformular essas representações, o objetivo é promover uma compreensão mais inclusiva e respeitosa das identidades femininas na literatura e na sociedade em geral.

Através da análise do excerto *Isidora*, foi possível perceber a manutenção de papéis estereotipados em relação à mulher na função

doméstica e de cuidado, sem a liberdade de exercer outro lugar ou ter a liberdade de estar em comunicação com outras pessoas, entretanto, foi possível perceber que, mesmo com as questões que imbricavam a religião, o autor construiu o amor homoafetivo de forma sensível e bonita, sem lançar mão de recursos caricaturais, representando-as como em um romance heterossexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Ana Maria. Da sodomita à lésbica: o gênero nas representações do homoerotismo feminino. **Análise social**, v. 195, 2010.
- CUROPOS, Fernando; MAIA, Helder Thiago. Sexo e sensibilidades eróticas na literatura luso-brasileira de oitocentos e da belle époque, **Via Atlântica**, São Paulo, n. 43, pp. 4-17, abr. 2023.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEFILIPPO, Juliana Gervason. Cíntia Moscovich e Carol Bensimon: a personagem homossexual feminina na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 49, 2016.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Isidora. In: PINTO, César Braga; MAIA, Helder Thiago (orgs). **Dissidências de Gênero e Sexualidade na Literatura Brasileira: uma antologia (1842-1930)** – Volume 2. Performances. INDEX ebooks, 2021.
- MAIA, Helder Thiago. A literatura gay é um cruising bra: reflexões sobre a literatura gay, o mercado e a obra de João Gilberto Noll. **Periódicus**, n.3, 2015.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. **Les Online**, v. 7, n. 2, 2015.

PAVANELO, Luciene Marie. Além do casamento: A representação feminina na ficção Camiliana e Macediana. **Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2012.

SANTOS, Claudiana Gois dos; INÁCIO, Emerson da Cruz. A bruta flor do querer: Amor, performance e heteronormatividade na afetividade lésbica. **13º mundos de mulheres e fazendo gênero 11: transformações, conexões e deslocamentos**, Florianópolis, 2017.

SANTOS, Giceli Ribeiro dos. A relação homoerótica feminina na literatura brasileira. **IX encontro Latino Americano de Iniciação Científica** e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. 2005.

STOLLER, Robert J. **Perversão: A forma erótica do ódio**. Hedra, 2014.